

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
NOS 25 ANOS DA AIP  
5 de dezembro de 2023

### GOODNIGHT IRENE (2007)

**Realização e Argumento:** Paolo Marinou-Blanco / **Interpretação:** Robert Pugh (Alex), Nuno Lopes (Bruno), Rita Loureiro (Irene), Amadeu Caronho (Armando), Virgílio Gança (Afonso), António Amblate (António), Carlos Saltão (médico) / **Direção de Fotografia:** Miguel Sales Lopes / **Direção Artística:** João Torres / **Montagem:** Paolo Marinou-Blanco, Vanessa Pimentel, Pedro Ribeiro / **Som:** Pedro Melo / **Montagem de Som:** Hugo Leitão / **Misturas de Som:** Branko Neskov C.A.S. / **Música:** Jaroslav Bester, Carlos Bica / **1º Assistente de Realização:** João Pinhão / **Casting:** Patrícia Vasconcelos, Suzanne Smith / **Decoração:** Ana Paula Cruz, Pedro Soares, Luís Trindade / **Guarda-roupa:** Patrícia Dória / **Direção de Produção:** Margarida Nunes

**Produtores:** François d'Artemare, Paolo Marinou-Blanco, Maria João Mayer / **Produção:** Filmes do Tejo/ **Cópia:** Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, a cores, com diálogos em português e diálogos em inglês legendados em português / **Duração:** 98 minutos / **Estreia:** 11 de março de 2008, no Bergamo Film Meeting, em Itália / **Estreia em Portugal:** 15 de Maio de 2008 / *Primeira exibição na Cinemateca*

*Com as presenças de Miguel Sales Lopes e de Tony Costa*

Uma Lisboa crepuscular e melancólica, em que a opacidade do mistério se parece desvendar, lentamente, através da luz de uma pequena lanterna, revelando elementos e detalhes de um apartamento velho, recheado de tralhas, com paredes amarelas e um papel de parede antiquado; percorremos a casa de Irene – o espaço de uma artista (com todos os *clichés* associados), aqui transformado num lugar quase fantasmagórico, abandonado, que parece revelar algo de uma existência agora ausente -, num jogo de sombras e luz, um *chiaroscuro* que remete para o universo da pintura, o mundo da personagem. Este é o cenário em que Alex e Bruno “tropeçam” um no outro, pela segunda vez, num encontro decisivo. O primeiro, um ator de meia-idade inglês, confinado àquela que é a sua cidade adotiva, e condenado a viajar apenas através dos documentários de viagem a que dá voz, enfrenta, após a perda da sua mulher, uma doença que lhe determina pouco tempo de vida; a solidão e o confronto com a inevitabilidade da passagem do tempo e a possibilidade da morte, transformam-no num homem rabugento, isolado do mundo e mergulhado no vício do álcool. Bruno, um jovem serralheiro que vive no mesmo bairro, parece não ter nada em comum com Alex; cruza-se com este, casualmente, duas vezes, quando posa para Irene, e na noite em que decide invadir a casa da mulher, personagem que dá nome ao filme e que é o único elo de ligação aparente entre estes dois homens.

É após esse segundo encontro que Bruno partilha com Alex a razão pela qual se encontraram naquela noite na casa de Irene: o rapaz tem como prática habitual (quase obsessiva) entrar nas casas dos vizinhos, fazer cópias das suas coisas pessoais e tirar fotografias, construindo, numa sala da sua oficina, uma espécie de arquivo em que

reconstrói a história e a vida de cada uma destas pessoas. É aí que se tornam evidentes as semelhanças entre Bruno e Alex, revelando-se no jovem os mesmos sentimentos de isolamento e alienação social. O ato de invadir o espaço pessoal do outro durante a noite, sem que este se aperceba e sem que isso implique uma comunicação, um encontro, um confronto, revelam a vontade de Bruno de estabelecer contactos, sem conseguir que esses sejam feitos da maneira mais natural. E, como o inglês notará, essa vontade de observar o mundo de fora mais não é que um reflexo da incapacidade de se integrar, de fazer parte desse universo que tanto investiga e contempla. Bruno e Alex posicionam-se à margem da sociedade, experienciando uma dolorosa (mesmo que negada) dificuldade em relacionar-se com o *outro* e consigo próprios (com a sua vida, e o seu destino), sobrevivendo quotidianamente, numa vivência aborrecida, desprovida de grandes aventuras ou emoções.

Contudo, a obsessão de Bruno em registar a vida dos vizinhos é ainda resultado de um outro desejo, o de eternizar e, de certa forma, honrar a passagem pelo mundo de pessoas banais (assim como Irene desenhava retratos de vários “zé-ninguém”). E, nesse sentido, este exercício relaciona-se com uma das temáticas centrais de GOODNIGHT IRENE, a problemática da passagem do tempo. Durante todo o filme, ouvimos as várias reflexões de Alex, que se confronta agora com a certeza da morte e a noção de finitude. GOODNIGHT IRENE é uma bonita meditação sobre a vida, as relações humanas e, sobretudo, sobre o que fazemos com o nosso tempo; por isso, também sobre herança e memória (individual e coletiva), materializada tanto nos quadros de Irene e no “arquivo” do jovem rapaz, como nas ruínas romanas, ou no gesto final de Bruno, que leva na sua viagem uma recordação do amigo (e com ela tudo o que aprendeu com ele). De certa forma, também a personagem de Irene desafia a noção de tempo com o seu carácter quase fantasmagórico; desta mulher saberemos pouco, e é essa ausência – que mais tarde se concretizará no seu desaparecimento - que permite que ela permaneça enquanto espectro, permeando toda a ação, levando à aproximação dos dois homens e, conseqüentemente, à sua grande revelação final.

GOODNIGHT IRENE é um filme poético e sensível sobre o envelhecimento, a doença, a morte, mas também sobre as relações humanas e a sua importância. Uma ode à vida, que nos ensina que, para viver verdadeiramente, é, por vezes, necessário sacrificar a sobrevivência.

Sara Oliveira Duarte